

ZOOFILIA

Sodine Üe

I

No ano de 1964 dois acontecimentos tornavam-se dignos de atenção no Brasil: o golpe militar acabava de ser anunciado e Clarice Lispector publicava o conto *Tentação*, cujo tema era a zoofilia. Exibo ambos os fatos assim alinhados por serem principalmente antagônicos e por significarem para o brasileiro, cada fato a seu modo, um polo muito mais de incompreensão do que de horror.

O livro se chamava *A Legião Estrangeira* (o conto seria republicado em *Felicidade Clandestina* sete anos depois). Não se tratava, contudo, de uma descrição nem superficial nem pormenorizada de uma relação sexual entre um humano e um animal — e a própria alusão que faço aqui ao conto já prediz que minha abordagem do tema pretende ser, como a de Clarice, além da sexual. O que o conto nos traz é uma história de amor protagonizada por uma criança (a "menina ruiva com soluço") e "um basset ruivo". Clarice relata que "sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência". E prossegue no parágrafo seguinte: "Eles se fitavam profundos, entregues".

Li essa história pela primeira vez na escola, na aula de literatura. Impensável um conto com tais características figurar nos livros didáticos hoje em dia — e que permaneça a ambiguidade da característica a que me refiro, se à do tema ou à da qualidade textual. Em sua resenha para o *New York Times* sobre *The Complete Stories*, tradução mais recente para o inglês de 85 histórias de Clarice, o mais que Larry Rohter adianta aos americanos é que entre os vários personagens ali reunidos há "meninas adolescentes despertando para a sexualidade". Pouco ou nenhum entusiasmo pode nascer a partir de uma descrição tão econômica, ainda mais se contrapusermos o tema do conto e sua abordagem com a chatice do florescimento de uma vida sexual adolescente feminina. A *Tentação* entre a menina e o cachorro, que somente Clarice e o leitor espreitam, ao contrário, ferve e frui, intensifica-se e internaliza-se, até a iminência do ápice: "Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam".

A essa altura, depois de meu louvor à maestria de Clarice, um leitor atento me lembraria, aborrecido, que zoofilia não era tema inédito na literatura brasileira

naquele momento. Já em 1932 José Lins do Rego publicava *Menino de Engenho*, com seu protagonista Carlos iniciando a vida sexual no curral da fazenda, onde tinha "cabras e (...) vacas para encontros de lubricidade". Rejeitei deliberadamente esse livro porque, além do tema ali ser abordado pelo rodapé e de não inaugurar nada relevante da zoofilia na arte literária, havia elementos adicionais, porém determinantes, que tornavam o esforço de *Menino de Engenho* inferior em muito ao de *Tentação*. Eis um breve comparativo: José Lins do Rego, que mora em Maceió, ambienta seu romance no interior, a ruiva de Clarice mora no Rio de Janeiro; *Menino de Engenho* usufrui das facilidades do romance, *Tentação* tem uma página e meia para iniciar, desenvolver-se e acabar; em ambos os casos a zoofilia mais se alardeia e anuncia, respectivamente, do que se efetiva, porém Clarice dispensa a elaboração de *uma* personalidade alternativa para sua personagem, em que ela poderia abrigar-se para dispensar a ação: a protagonista não pode realizar-se em nada mais, a não ser apenas naquele cão, porque *toda* a sua existência é vazia; com o personagem de José Lins do Rego ocorre exatamente o oposto, e assim a zoofilia de Carlos, o menino do engenho, é, por assim dizer, "acidental". Entretanto, o que mais confere brilho ao conto de Clarice, fora do âmbito textual, obviamente, é ainda o caráter regional: fazia apenas quatro anos que o Rio de Janeiro deixara de ser a capital do Brasil. Quem mais, sob essas condições, se atreveria a lançar ali um conto tão exótico?

II

Para os adeptos e simpatizantes da zoofilia, porém, a literatura talvez não tenha um apelo tão eficaz quanto o exercido pela pornografia. O sucesso de fotos e filmes com o tema foi impulsionado pela dificuldade de se encontrar uma estrutura que possibilite satisfazer gostos tanto incomuns quanto incompreendidos. Certamente é raro uma boate (ou algo parecido) exhibir esse tipo de espetáculo. Casos excepcionais, porém, existem: em 1970, A. Dumont relatava haver um rancho em certo estado americano cujos visitantes tinham a oportunidade de ter relações sexuais com cavalos treinados especialmente para esse fim; na década anterior, a peça *Futz* ganhava a Broadway e o mundo contando a história de um fazendeiro apaixonado por uma porca. Mas seja abertamente, como atração sexual coletiva explícita, ou experimentada de maneira mais segura e ajustada em obras de arte, foi mesmo na pornografia que a zoofilia parece ter encontrado um lugar *correto* como meio mais acessível e

indireto para satisfazer fantasias. Aliás — em grande parte, depois da invenção da internet — o mesmo se pode afirmar a respeito da maioria dos eventos eróticos.

"Bizarro", "grotesco", "mórbido", "bestialismo"... É com essas expressões, largamente difundidas na publicidade circense antiga, que a zoofilia é divulgada na pornografia. E não é à toa. Tal como ocorria nas apresentações misteriosas e singulares do picadeiro, em que humanos e animais interagiam adversamente do habitual, em que o perigo constante se disfarçava de domesticação, luta e desafio, numa foto ou num filme de zoofilia a função do personagem "real" (humano) é driblar a iminência do acidente e da morte, eliminando-os através de inúmeros artifícios não necessariamente sexuais. O cenário, a espécie e o sexo do animal (geralmente cães e cavalos, geralmente machos), a locação, a duração da cena (em caso de filmes), todos os componentes cooperam para humanizar não o bicho, mas o humano. No circo, o animalesco está suspenso e segue vigente a autoridade e a autonomia do domador, não como líder, mas tão somente como intérprete do personagem apaziguador, para que alguém ali se submeta sem que ninguém pereça. É assim também na pornografia, pois o ato sexual com animais é perigoso para o humano (como reporta Vern L. Bullough em sua enciclopédia *Human Sexuality*), e justamente por isso é necessário afirmar todo o tempo quem *não* é o animal, reconhecê-lo, delimitá-lo à margem da linha de segurança.

III

Mas, afinal, quem é humano ou animal para a zoofilia?

Para atestar o quão difícil é responder tal questão, seria preciso abandonar a pornografia e retornar à arte. Um exemplo em que, tal como no conto de Clarice, a zoofilia ao mesmo tempo se insere e se apresenta num movimento brevíssimo, sem, contudo, deixar de impactar de forma contundente e inigualável, encontra-se num filme do taiwanês Ang Lee, chamado *As Aventuras de Pi*. Também ali tudo se origina num ambiente muito especial em que humanos e animais se relacionam num nível distinto, fora de norma: mesmo antes de ser "isolado do mundo" após um naufrágio, o protagonista já vive em meio a animais, aqui não os de um circo, mas os do zoológico paterno.

Desde pequeno, Pi se mostra particularmente atraído pelo tigre Richard Parker.

Numa das cenas, sem dar-se conta do risco mortal a que se expõe, ele tenta alimentar o animal através das grades, mas — novamente parecendo a "menina ruiva" do conto de Clarice — fica imóvel, hipnotizado, encantado com aquele ser maravilhoso e selvagem, *inumano*. A tragédia está prestes a acontecer, até que o pai do menino o salva. Como castigo por sua imprudência, ele obriga o filho a assistir ao tigre devorando com uma agilidade estupenda uma cabra viva — a segunda melhor cena do filme. A propósito, é justamente a cisão brusca entre a severidade desta lição paterna, excessivamente cruel, e a ausência dela que sofrerá um apagamento gradativo quando, dali a alguma cenas, Pi estiver sozinho com aquele mesmo tigre no bote em alto-mar.

Para uma perfeita convivência entre homem e animal, a ordem é sempre o primeiro pressuposto, seja a ordem evolutiva darwiniana, na qual se confirma de uma vez por todas que o humano está fadado à civilidade e que é esse seu maior valor, seja a ordem social hierárquica. A zoofilia quebra eficaz e severamente diversos pontos fundamentais desse alinhamento, menos um: o ato sexual revelará, não sem muita dificuldade, quem é humano, com o intuito de evidenciar quem é o animal (diferente do que ocorre, por exemplo, com a anedota, já muito refutada, de que no sexo entre homens, um deles fará forçosamente o papel de mulher). Assim também o pai de Pi, dono e administrador de um zoológico, deve — como se organizasse uma relação de amor entre humanos e bichos — manter *uma* ordem, com o risco de, se perdê-la, pôr seu filho à mercê de ser devorado por uma fera. E essa técnica não é exclusivamente ficcional. No zoológico mais antigo do mundo, chamado Schönbrunn, os animais têm hora agendada para alimentar-se. O jaguar, por exemplo, come às 14:00, exceto às quartas-feiras e aos sábados; os coalas, às 16:00. Enquanto o pai de Pi for o responsável por manejar sua estranha relação com o tigre, a ordem estará preservada, mas e depois de sua morte no naufrágio, quem atuará em seu lugar? Como se verá, ninguém.

Pi, sua família e os animais do zoológico estão em alto-mar, num navio rumo ao Canadá. Uma tempestade provoca um naufrágio. Apenas Pi sobrevive graças a um bote. O tigre Richard Parker nada em sua direção e insiste em subir em seu bote para salvar-se. Depois de inúmeros acontecimentos e já passados alguns dias, o filme restringe sua narrativa na convivência entre Pi e o tigre no bote, ambos à deriva. Chega então o momento para a primeira melhor cena do filme e uma das mais sensuais e atrevidas do cinema.

Pi está sem camisa. Veste apenas um trapo que lhe faz as vezes de bermuda. Ele

aparece pousado sobre os joelhos, com as mãos apoiadas na borda do bote, olhando para o fundo do mar, em cujas profundezas vê, em delírio, diversas imagens luminosas, entre elas, o desenho do rosto da namorada que abandonou na Índia. A coluna de Pi está exageradamente envergada, em forma sinuosa de côncavo, o que o obriga a permanecer totalmente estático, passivo, quieto, vulnerável... E porquanto suas nádegas estão muito acima da linha das costas, e também graças à escuridão, acentua-se sua silhueta muito semelhante à de um cão, ou à de um tigre (ou à de uma tigresa). Durante aproximadamente dois segundos, é através do olhar do tigre que vemos Pi naquela posição.

Richard Parker também está imaginando? O que ele efetivamente vê naquele rapaz convertido numa espécie de Esfinge de Gizé, meio homem, meio animal?

E é extraordinária a sincronização entre o momento em que Pi vê o rosto de sua amada brilhando no fundo do mar e o instante exato em que o tigre percebe a posição sensualíssima do rapaz — posição, aliás, que a um só tempo significa tudo e nada para Richard Parker, se considerarmos que se trata de um quadrúpede e que é invensão unicamente humana a alusão orgíaca conferida a essa pose. Nesses breves minutos, o diretor Ang Lee elimina não apenas a figura severa e ordeira do pai de Pi, embaralhando perigo e êxtase, desejo e imaginação, mas também reconstrói, como o protagonista sempre tentou e falhou, a iminência de rompimento da divisória quase intransponível entre espécies.

IV

Depois deste exemplo impecável de zoofilia no cinema, não posso perder a oportunidade de lembrar o meio engenhoso e igualmente impecável através do qual a mitologia grega elabora o Minotauro (cujas características físicas, creio, não será necessário descrever). Pasífae era casada com Minos, rei de Creta. O grande Poseidon lhe envia um touro branco para sacrificá-lo em sua homenagem. Porém, sendo o touro belíssimo, Minos decide poupá-lo e usar outro animal para o sacrifício. Insultado, Poseidon faz Pasífae se apaixonar pelo touro... Valendo-se de algumas artimanhas, ela consegue copular com o animal. É dessa conjunção que nasce Minotauro.

Como uma evidência do intrigante exercício na elaboração da moral a respeito do assunto mitológico, convém bifurcar para exemplos literários divergentes e

sublimes. Primeiro Ovídio. Ele utiliza essa história em *A Arte de Amar*. O próprio título do livro em que o mito é abordado já dispensa análises que confirmem um indício mínimo de abertura positiva ao tema por parte do autor. Também em *Metamorfoses*, Ovídio relembra Pasífae através da exclamação de Cila, indignada depois de ser seduzida e abandonada pelo rei Minos: "Não me surpreende que Pasífae tenha preferido o touro a ti", frase na qual se desenha muito mais nitidamente a relação moral do autor frente à zoofilia, ao menos no que compete à sua arte literária.

Na outra extremidade temos *A Divina Comédia*, com seu canto ímpar. Dante Alighieri recobre Pasífae com uma nuvem densa e negra de moralidade, fazendo-a entrar no purgatório ridiculamente montada numa vaca. Mas não se iluda. Uma alusão assim tão evidente, imprópria para Dante, é inteiramente apagada pelo verso "Nostro peccato fu ermafrodito". O tradutor francês de Dante, F. R. de Lamennais, esclarece — não sem exagerar e muito a restrição moral — que "Esta palavra aqui (hermafrodito) indica a união bestial do homem com animais". Dante refaz drástica e violentamente o mito, aumentando a dramaticidade da ação por intermédio do castigo se sobrepondo à consciência. Reversão fantástica, devo admitir: a pecadora mítica, de um tempo em que ainda nem havia o pecado, padece até hoje, lúcida, viva, humilhada, pelo ato abominável cometido.

V

Por enquanto tenho tratado a zoofilia como um indício, talvez apenas suspeito, de aproximação especial (ou erótica) entre humanos e animais. Porém, a atenção à eroticidade nesse tipo de relacionamento tem por vezes sido menosprezada em favorecimento de uma certa precaução com o bem-estar do animal, sem que contudo o obscurecimento do sexo (em si e por si só) evidencie, por contraste, uma preocupação minimamente objetiva. Tornou-se um jargão, por assim dizer, vincular também a relação sexual com animais ao rol dos maus-tratos. Essa tendência é diretamente oposta, por exemplo, ao conceito geral da pedofilia, que, por contingência, considera o sexo um abuso e não uma maldade, como beliscar ou xingar a criança ou bater nela. Atualmente, praticar sexo com animais significa também praticar sexo contra ele. Apesar de esforços variados, entretanto, não se pode afirmar que exista uma indicação suficientemente direta no sentido de "como" proteger um animal ou mesmo "do

que" ele está sendo protegido — pelo menos não quando se trata de zoofilia.

As associações protetoras dos animais reforçam a importância de denunciar os maus-tratos, mas aborda o tema de maneira quase sempre generalizada e simplista, sem especificar a que maus-tratos se refere (e se a zoofilia figura entre eles). Aqui cabe uma breve observação: a aparente ampliação do conceito de maltratar um animal toma o sentido inverso ao pretendido quando não está vinculada a um esforço explicativo daquilo que se pretende combater; é um tanto ambígua, por exemplo, a sensação de que um animal no zoológico é vítima de maus-tratos porque sua jaula é muito apertada, mas por total ausência de divulgação do que seria "adequado", o que resta ao visitante é não mais que uma indignação, que se por um lado alivia temporariamente a tensão experimentada, por outro não evolui para nenhuma ação efetiva.

A lei 9.605 de 1998, que trata do tema, não é específica. O assunto é abordado entre diversas condutas "lesivas ao meio ambiente". Por si só tal característica abre tão excessiva e irresponsavelmente o tratamento do problema que chega ao ponto de, em suas generalizações iniciais, configurar como agravante ao crime o fato dele ter sido cometido "em domingos ou feriados" ou (pasmem) "à noite". Já o artigo 32 toca diretamente no assunto e promete prender e multar quem "cometer ato de abuso (?), maus-tratos (?), ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos". Se o sexo com animais se enquadra em alguma dessas definições, não está claro para mim.

O projeto de lei 3141/2012 do deputado Ricardo Izar tenta retificar essa lacuna legal, aumentando a pena de 1/6 a 1/3 "quando forem constatados atos de zoofilia." (Notem a perigosa ambiguidade da palavra "constatados", que deveria, por segurança, ser substituída por "comprovados"). Em sua justificativa, Izar alude à necessidade de classificar a zoofilia "como um crime de maior potencial ofensivo a (sic) sociedade" e lembra os avanços do Direito Animal nos EUA e nos países nórdicos (são 7 esses países, ou 8, se incluirmos a Estônia, mas ele não especifica de quais está falando), que desde a década de 1990, segundo ele, já condenam a zoofilia em suas leis. Ou Izar está um tanto mal informado ou aprendeu a prever o futuro, pois a Dinamarca, por exemplo, um dos países nórdicos, só criminalizou a zoofilia em 2015, três anos depois do seu projeto de lei ser proposto.

Além disso, ele não faz qualquer referência à criminalização do ato de portar material pornográfico que contenha zoofilia, nem explica por que a "zoofilia

doméstica" não poderia se enquadrar no rol dos atenuantes e a zoofilia comercial (bordéis, boates, filmes e fotos pornôis ou aqueles feitos por particulares para divulgação na internet etc) no dos agravantes. E como de costume, em se tratando do legislativo brasileiro, o deputado não anexa ao projeto nenhuma pesquisa, estudo, avaliação veterinária ou psicológica (levando-se em consideração que na zoofilia há pelo menos um humano envolvido); ele também não congrega forças com associações que apoiem sua ideia. Resulta, portanto, mais num projeto de cunho particular, destinado a avolumar seu currículo político, do que numa preocupação autêntica com o assunto.

VI

Mas em se tratando de zoofilia, como falar, então, em proteção animal, haja vista a ambiguidade que suplanta as inúmeras e variadas manifestações do tema? Trata-se de um questionamento tanto válido quanto raro. A resposta certamente não está em legislar remendando os vácuos do problema sem compreendê-lo, preenchendo-o com algum estofo moral — metodologia política muito popular, mas nada útil. Como driblar os artifícios de que se valem os que lucram de alguma forma com a ausência de ações efetivas e claras a respeito da exploração sexual animal, sem contudo solapar direitos individuais e coletivos? Seria preciso, antes de qualquer coisa, uma "laicização da moralidade". Veja-se, como exemplo, a indústria veterinária. Entre os métodos empregados na otimização da reprodução animal, figura um dos mais controversos: a coleta de sêmen, seja para venda, reserva ou reprodução mais acelerada. Para tanto, será necessária a chamada avaliação andrológica, para atestar a *eficiência* do material recolhido. As técnicas são tão variadas quanto questionáveis (do ponto de vista generalizado). Cito apenas quatro:

1) Eletroejaculador: A manipulação do equipamento consiste na introdução do eletrodo no ânus do animal, pousando-o na cavidade retal mais interna; o aparelho é ligado na energia elétrica e a voltagem, aumentada gradativamente, ativa os polos positivo e negativo de que ele é composto, estimulando contrações das glândulas espermáticas e provocando a ejaculação.

2) Mão enluvada (para suínos): um manequim faz o papel de porca. Após a montagem do animal para a cruza, o tratador segura o pênis dele, pressionando-o e friccionando-o até a ejaculação completa.

3) Massagem no Dorso Abdominal (aves): depois de higienizar a cloaca, põe-se o animal no colo e se inicia uma pressão no dorso com os dedos. Assim que o animal for ejacular, recolhe-se o sêmen num frasco.

4) Masturbação (cães): não creio ser necessária a descrição neste caso.

Como desconsiderar a autonomia dos processos comerciais e econômicos em favorecimento de um pudor não especializado, desproporcional, seletivo? Mas, ao mesmo tempo, quais critérios utilizar na avaliação da importância financeira industrial que a sobreponha ao bem-estar animal? A coleta de sêmen, tal como listada, pode ser enquadrada como zoofilia? Certamente esta resposta nem a lei, nem as sociedades protetoras de animais, nem este ensaio podem fornecer de imediato sem contradizer-se surpreendido por algum bom contra-argumento.

VII

O ser humano é repleto de paixões. Mas ao longo de sua história, ele tem lutado para ordená-las, e em alguns casos sem nenhuma necessidade. Tem sido assim tanto a elaboração quanto a manutenção da liberdade dos indivíduos. Na apresentação de um livro erótico muito famoso, Paulhan escreveu: "uma paixão incondicional pela liberdade certamente provocará no mundo, e bem depressa, conflitos e guerras não menos incondicionais". Eu não seria tão catastrófico no caso da zoofilia, talvez preferiria o pessimismo... As demandas que formas de sexo mais acentuadamente inadequadas fazem aos seus adeptos, por vezes, saturam de tal maneira o indivíduo que, na impossibilidade de equilibrar preceitos necessários para a manutenção da (própria) existência estatal e o desejo sempre alerta que a libido e as fantasias eróticas alimentam, chegará um dia em que o sujeito desajustado se encontrará diante de uma única opção: o apagamento de uma identidade que nem ele próprio reconhece ou admite. Há aqui porém uma contradição.

As providências que excluem qualquer debate sério a respeito da zoofilia se mostram tanto eficazes quanto vãs. Pode-se afirmar tal coisa por duas razões. Primeiro, porque para suprimir substancialmente ou para anular uma nódoa social é preciso que ela assuma, em algum momento, ares de epidemia (como ocorreu, por exemplo, com os casos de violência contra mulheres e crianças, com a situação climática, com a devastação de áreas nativas, com os extermínios raciais etc). E em segundo lugar — como se percebe nos exemplos

citados —, tal esforço de contensão só é válido quando o "agressor" é *reconhecível*.

Contudo, a identidade do zoófilo — talvez pelo que citei há dois parágrafos — é impensável e às vezes inimaginável, se comparada a outras personalidades sexuais: o homossexual que é reconhecido em sua vizinhança devido à solteirice convicta ou por uma amizade exagerada com alguém do mesmo sexo, o indivíduo que tem mais sucesso em seus contatos com crianças do que com adultos e que por isso gera certa desconfiança, o assexuado que se refugia nas religiões cristãs, e assim por diante. Em se tratando do zoófilo, já não é mais possível tal asserção. Qualquer um pode ter em sua casa diversos animais de estimação sem ser vítima de nenhuma ação recriminatória de ordem sexual, ao contrário: é inclusive recomendável que o dono beije, acaricie, abrace, ame seu animal publicamente, com o risco de ser suspeito de maus-tratos, caso não o faça. Por isso mesmo Vern L. Bullough observa: "Dado ... o quão comuns têm sido os animais domésticos há séculos, por que os contatos sexuais entre humano e animais são relativamente tão raros?".

Por outro lado, não basta apenas "reconhecer as pornografias" (ou "as zoofilias" ou "os zoófilos"), como aconselha Susan Sontag em um de seus ensaios — em contraposição à alegada pornografia, singular e generalizada —, como um complexo de diversidades sistematizadas pela noção humana da sexualidade alheia (o que significa dizer que, desde que o sexo seja praticado por outro, será sempre pornografia, ainda que não seja deliberadamente registrada ou divulgada). Isso porque o que ocorre com a zoofilia é ainda mais grave: ela trafega por um caminho, ou um atalho, separado. Arrisco a dizer que nem seja arrolada na pornografia ordinariamente classificada, com exceção, e mesmo assim com ressalvas, do que ocorre na indústria pornográfica.

A zoofilia cultural (barranqueada), histórica (ignorada pelo sistema educacional), identitária (excluída dos manuais sexuais, sejam os higiênico-preventivos ou os medicinais), não tem lugar destacável em nenhuma sociedade, a não ser aquele reservado aos tabus extremos.

Suas características, por mais resumidas ou limitadas que se apresentem para não chocar, alertam quanto ao fato da zoofilia talvez estar nivelada aquém de um limite aceitável, que excede e transborda qualquer possibilidade de aceitação, e que não pode trafegar entre as outras formas de sexualidade sem exercer constrangimento, incompreensão e repulsa. Mas... isso resolve o

problema?

(NOTA: Abstive-me deliberadamente de citar a abordagem bíblica do assunto, por razões óbvias.)

09/2015